

# A MÍSTICA E A ESPIRITUALIDADE DAS CANÇÕES DE ZÉ MARTINS

## *THE MYSTICS AND THE SPIRITUALITY OF THE SONGS OF ZÉ MARTINS*

*Emerson Sbardelotti<sup>1</sup>*

**Resumo:** Neste artigo apresentarei o diálogo entre Teologia e Poesia presente nos três CDs gravados e lançados por Paulinas-COMEP: *Certezas (1997)*, *Seguindo (1999)* e *Pra Festa Jamais Acabar (2002)*; onde experimento a força da música de Zé Martins a partir da mística e da espiritualidade libertadora. A reflexão continua em aberto, este artigo não a esgota; acredito que muitas outras devam ser pensadas e ditas. Somos todos responsáveis por uma música religiosa com arte-fé-vida.

**Palavras-chave:** Zé Martins. **Mística.** Espiritualidade. Teologia. Poesia.

**Abstract:** In this article I will present the dialogue between Theology and Poetry present in the three CDs recorded and released by Paulinas-COMEP: *Certezas (1997)*, *Seguindo (1999)* and *Pra Festa Jamais Acabar (2002)*; where I experience the strength of Zé Martins' music from the mystical and liberating spirituality. The reflection remains open, this article does not exhaust it; I believe that many others should be thought and said. We are all responsible for a religious music with art-faith-life.

**Keywords:** Zé Martins. Mystical. Spirituality. Theology. Poetry.

### **Introdução**

José Martins de Paula nasceu em 1960 na cidade mineira de Mantena, que fica aproximadamente, 460 quilômetros de Belo Horizonte, na divisa com o Estado do Espírito Santo; numa família com 11 irmãos, dos quais apenas 3 não cantam ou tocam algum instrumento. Aprendeu a tocar sozinho: violão, zabumba, teclado e sanfona. Estima-se que ele tenha feito cerca de 1200 canções, muitas, não gravadas. Fez sete anos de seminário com os Jesuítas, mas acabou desistindo, casou-se; junto com a esposa Angela, criaram a Revista de Canto Pastoral, que era mensalmente distribuída em paróquias e comunidades por todo o país. A publicação trazia um CD com canções recolhidas nas comunidades e gravadas no estúdio do casal; foram 49 edições da Revista; canções coletadas a partir de pesquisas e muitas andanças por várias comunidades do Brasil, e outras que chegavam através de antigas fitas K7, CDs e por

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa LERTE – Literatura, Religião e Teologia da PUC-SP. E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com.

correio eletrônico; o serviço da Revista só foi encerrado pois *Zé Martins* se tornou assessor de mobilização popular da Prefeitura de Pouso Alegre – MG.

Zé Martins era formado em Filosofia, pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus; em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais; e em Teologia, pelo Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura, de Belo Horizonte. Dedicava-se com afinco em realizar o sonho de se tornar juiz e professor de Direito; foi professor de Ensino Religioso, sempre muito ligado as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), onde atuou e se destacou em dois Intereclesiais das CEBS, em Ipatinga (MG), em 2005 e em Porto Velho (RO), em 2009, como animador; tinha laços estreitos com as Pastorais da Juventude do país, suas canções tinham um apelo muito forte junto às juventudes.

O cantor sofreu uma infecção generalizada, segundo a suspeita dos médicos, devido ao caso mais grave da dengue, ou seja, dengue hemorrágica; faleceu no dia 16 de outubro de 2009 aos 49 anos.

Lançou por Paulinas-COMEF três CDs: *Certezas (1997)*, *Seguindo (1999)* e *Pra Festa Jamais Acabar (2002)*.

Neste artigo busco apresentar, não em sua totalidade, o diálogo entre Teologia e Poesia presente nestes três CDs gravados e lançados por Paulinas-COMEF, onde experimento a força da música de Zé Martins a partir da mística e da espiritualidade libertadora. A reflexão continua em aberto, este artigo não a esgota; acredito que muitas outras devam ser pensadas e ditas. Somos todos responsáveis por uma música religiosa com arte-fé-vida. Zé Martins só cantava aquilo que era profundo em sua alma e coração de artista comprometido com o Povo Santo de Deus. Só cantava aquilo que queria, por isso, suas canções são repletas de profecia e liberdade, de um amor imenso por Jesus de Nazaré. Escolhi algumas canções para representar o canto pastoral e litúrgico de Zé Martins, infelizmente, outras ficaram de fora. Na transcrição que faço, reproduzo da forma como estão nos livretos originais que acompanham os CDs.

Em 2019, dez anos depois de sua Páscoa, fazemos memória deste cantador da liberdade, da esperança, da justiça, da paz. Procurando entender como a mística e a espiritualidade das tuas canções inspiram e fortalecem a caminhada do Povo Santo de Deus num cenário de Igreja no Brasil de fanatismo e fundamentalismo religioso na contramão do projeto de refundação do Papa Francisco que deseja uma Igreja dos e para os Pobres, uma Igreja em saída. Fica o convite para conhecer estes três álbuns e o

restante da obra de Zé Martins. Este artigo nasceu de uma comunicação apresentada pelo autor no Congresso da SOTER em julho de 2019, na PUC-MINAS.

## **1. Certezas**

A música católica feita nas CEBS pede passagem e quer ser conhecida e reconhecida como um segmento musical, unindo arte e projeto de vida, pois adere à pedagogia e a prática libertadora de Jesus de Nazaré, aos ensinamentos e apontamentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, das Conferências Episcopais Latino-Americana e Caribenha, das orientações da Conferência dos Bispos do Brasil, principalmente, da fé e da vida experimentadas nas CEBS. Infelizmente, muitos artistas não são conhecidos pela maioria dos fiéis católicos; suas músicas não tocam nas rádios e nas TVs católicas, porém, fazem seus shows pelo Brasil a fora, mantendo assim a antiga tradição dos menestréis, ou como diria o poeta: *“ir onde o povo está!”*. Sobrevivem viajando por todo o país, sem contrato com uma gravadora, bancando do próprio bolso seus novos álbuns. Livres dos contratos, que muitas vezes engessam, podem cantar muitas palavras que sofreriam alguma censura se estivessem atrelados a uma gravadora. Não há nada mais educativo e libertador do que uma canção revolucionária, porém, repleta de mística e espiritualidade.

Antonio Manzatto nos diz que as CEBS se tornaram o modelo eclesial hegemônico na América Latina e deram um rosto próprio à Igreja do continente. Sua vivência e sua atuação foram animadas e teologizadas em canções que acompanhavam sua caminhada, canções que reuniam melodias populares e poemas que manifestavam o compromisso social e a consciência de fé que formavam a identidade das CEBS. Sobretudo, em suas letras, elas manifestavam uma mística própria na consciência de uma Igreja se entendia fraterna, comunitária e ao serviço da libertação dos pobres. Esta mística, vivida e afirmada pelos pobres que se tornaram sujeitos de Igreja, tem características próprias e indica a espiritualidade, identidade e a forma de as CEBS se posicionarem na Igreja e na sociedade (MANZATTO, 2018).

Em cada canção que Zé Martins irá entoar, tendo como público-alvo as Comunidades Eclesiais de Base, as Pastorais Sociais, os Movimentos Sociais, percebe-se que o autor procura apontar um itinerário místico e espiritual, nos passos já sublinhados pela Teologia da Libertação que aponta um Jesus de Nazaré inculturado, com os rostos de nossa gente latino-americana e caribenha, e com a preocupação com os

povos crucificados. As canções de Zé Martins querem ajudar a descer da cruz os povos crucificados.

A palavra *mística* tem sua origem na palavra *mistério*, do grego, *mysterion*, podendo significar símbolo, segredo, mistério que se revela. É toda motivação forte e idealista que dinamiza, que inspira por dentro, na perspectiva da fé, a vida do ser humano. A mística não é simplesmente a fé em Jesus de Nazaré e em seu Evangelho, mas a fé feita experiência.

Mística é o fio condutor, uma linha invisível que une a memória e os sonhos, que une a história e a utopia, que une o passado e o futuro e que faz do presente uma grande festa, uma grande celebração. A mística busca o sentido da vida! (TAVARES, 2005, p.15).

O sentido da vida está no fato de a cada dia nos tornarmos seres humanos melhores. Faz parte deste caminho a utopia, o sonho, a melhoria da qualidade de vida. A utopia deve estar integrada à realidade nos tirando do comodismo, nos levando à luta. No campo e na cidade, nossa fé, nos leva a procurar caminhos para a mudança. Apesar de serem realidades diferentes, o Evangelho, é o mesmo. É preciso encontrar dinâmicas para atualizar a mensagem jesusânica no cotidiano de nossas equipes de serviço, comunidades, paróquias e dioceses. Não desanimar jamais com o fato de que a igreja da cura já atrai mais que a Igreja da prática da justiça. Quem nunca olhou para um humilhado, nunca será humilde.

Nossos sonhos sempre se confrontam com a realidade, que é muito mais forte, e que por isso nos impõe caminhos muitas vezes opostos aos que desejamos. Nesse momento, nascem as decepções, nascem as crises, nasce o desânimo. Nessas situações limite a mística surge. A mística ajuda a encarar tais situações limite de frente, sem medo.

A palavra *Espiritualidade* tem sua raiz na palavra *Espírito*: “Então YHWH modelou o ser humano com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o ser humano se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). “Ser vivente” corresponde ao vocábulo *nefesh*, que designa o ser animado por um sopro vital – manifestado também pelo “espírito” = *ruah* = sopro, vento. Entrar em contato com Deus é conhecer as suas ações no meio dos povos que compõe o seu povo escolhido. A espiritualidade é beber do próprio poço! A espiritualidade, se não estiver inserida na caminhada da libertação do povo e ao mesmo tempo fincada na tradição bíblica e eclesial, nada será, não terá nenhuma importância. Continuamos com sede. Sede de paz, sede de amor, sede de

justiça, sede de fraternidade, sede de alegria, sede de respeito, de diálogo e de encontro. A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade. A espiritualidade libertadora nos leva a tomar posição clara em favor da defesa da vida, principalmente da vida das juventudes. A nossa espiritualidade pé no chão derruba os muros, constrói as pontes – do diálogo, do respeito, do encontro. Seguindo o exemplo de Jesus de Nazaré (SBARDELOTTI, 2015, p.29-30; 37-38).

A espiritualidade é parte constituinte do ser humano. Ela dialoga com o ser humano. O diálogo se vive diante do outro, do diferente, é o reconhecimento da alteridade.

A espiritualidade é basicamente uma teimosa esperança, uma ardente fé, um amor inflamado que vai em direção à contemplação da compaixão e do cuidado. Compaixão e cuidado não são conceitos psicológicos, mas ontológicos. Não são sentimentalismos nem assistencialismos. São sem dúvida dois dos grandes elementos constitutivos das grandes religiões da Humanidade, são a base comum para o respeito, diálogo e encontro entre as religiões. Compaixão e cuidado são metáforas polissêmicas, sinônimos de solidariedade, justiça, ternura, amor. Nenhuma espiritualidade é autêntica se não se converter em compaixão e cuidado. Viver no Espírito é saber cuidar!

Mística e Espiritualidade estarão sempre presentes nas canções e nas apresentações de Zé Martins. Ele se alimentará delas para proporcionar aos ouvintes, o que havia de melhor em seu coração.

É preciso lembrar que com o *aggiornamento* do Concílio Ecumênico Vaticano II (Roma, 1962-1965) a Igreja se abre para o mundo contemporâneo sem medo de errar, assumindo todas as consequências desta abertura, propiciando para as artes um chão fecundo; com a Conferência de Medellín (Colômbia, 1968), se aplicam as intuições do Vaticano II moldando para si um rosto latino-americano e caribenho, moldando uma Teologia e uma prática pastoral com raízes profundas no cotidiano de sua gente: A Teologia da Libertação (TdL). Aqui não cabe aprofundarmos sua importância para as mudanças de pensamento dentro da Igreja Católica no Continente Latino-Americano e as perseguições que sofreu e sofre, porém, é preciso ratificar que com a Teologia da Libertação, a Bíblia foi redescoberta e uma nova exegese germinou: uma leitura popular ao alcance dos mais simples; e os pobres, os excluídos, os discriminados, os sem vez e os sem voz puderam encontrar Jesus de Nazaré e segui-lo até as últimas consequências. Várias pessoas foram martirizadas; sangue adubou este chão. A experiência de um Jesus de Nazaré encarnado nas alegrias e tristezas da América Latina e do Caribe, da

aceitação do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, irá influenciar profundamente a poesia e a musicalidade de Zé Martins. O itinerário que irá buscar seguir em sua vida, está presente em algumas músicas dos discos que procuramos agora refletir.

No álbum *Certezas (1997)*, Zé Martins apresenta ao público 12 canções: são valsas, xotes, baladas, moda de viola; com letras que trazem uma reflexão teológica a partir da Opção pelos Pobres, onde tem espaço: a fiel esperança, a colegialidade, a juventude, a piedade popular, a luta pela defesa da terra, a teimosa utopia, a devoção mariana, sobretudo a liberdade<sup>2</sup>:

Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem  
Canta com alegria o escondido amor que no peito tens  
Mira o céu azul, espaço aberto pra te acolher  
Mira o céu azul, espaço aberto pra te acolher ê ê ê

Liberdade vem e pisa este firme chão de verde ramagem  
Canta louvando as flores que ao bailar do vento fazem sua mensagem  
Mira estas flores, abraço aberto pra te acolher  
Mira estas flores, abraço aberto pra te acolher ê ê ê

Liberdade vem e pousa nesta dura América triste e vendida  
Canta com o teu grito nossos filhos mortos e a paz ferida  
Mira este lugar, desejo aberto pra te acolher  
Mira este lugar, desejo aberto pra te acolher ê ê ê

Liberdade, liberdade, és o desejo que nos faz viver  
És o grande sentido de uma vida pronta para morrer  
Mira o nosso chão banhando em sangue pra reviver  
Mira a Nossa América banhada em morte pra renascer ê ê ê

*Liberdade* é uma canção que sugere uma denúncia geopolítica e um anúncio profético. Seus versos apresentam a alegria, a acolhida, o canto firme de quem pisa firme no chão, e a esperança que impulsiona a continuar caminhando e lutando sempre pela defesa da vida!

Rubem Alves tem uma frase sensacional, que tenho feito muito uso dela: “*Faz tempo que para pensar sobre Deus, não leio os teólogos, leio os poetas*”. Me atrevo a dizer que no atual cenário de Igreja, de uma vivência mais pastoral, mais pé no chão, para uma vivência mais espiritualista, com pouco interesse para as questões sociais,

---

<sup>2</sup> MARTINS, Zé. *Liberdade*. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Certezas*. São Paulo: Paulinas-COMEP, 1997, 1 CD, faixa 01.

apesar do profetismo do Papa Francisco, para pensar e falar sobre Deus, não leio os teólogos, leio os poetas e ouço músicas da caminhada<sup>3</sup>.

O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 176, nos diz: “*Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo*”. As canções de Zé Martins, fazem o que pede o Papa Francisco. Elas fazem o fiel cantar e sonhar junto com Francisco um mundo mais solidário, misericordioso; um mundo mais irmão<sup>4</sup>:

Eu quero acreditar na vida  
Ver o sol em cada amanhecer  
Ter no rosto um sorriso amigo  
Acreditar que o sonho é pra valer

Eu quero ter meu peito aberto  
Caminhar e não olhar pra trás  
Caminheiro quero amor por perto  
Quero o mundo construindo paz

Canta comigo cante esta canção  
Pois cantando sonharemos juntos  
Pra fazer um mundo mais irmão  
Canta comigo cante esta canção  
Pois cantando sonharemos juntos  
Pra fazer um mundo mais irmão

Eu quero acreditar no amor  
Ver a noite se afastar de mim  
Em cada rua plantar uma flor  
E fazer da terra um jardim

Venha junto sonhar o desejo  
De que a vida não tenha mais fim  
No violão soe o arpejo  
Construindo a paz, o amor, enfim

*Eu Quero Acreditar* é um tratado de amizade, carinho, irmandade. Retrata o ser humano que sonha com a mudança de um mundo mais irmão. Que vê a vida como o um tesouro a ser protegido, e que é necessário construir a paz, o amor, sem medo. Uma

---

<sup>3</sup> É um título que tenho utilizado para identificar as canções com mensagens sócio religiosas, com mensagens que estão de acordo com passagens do Primeiro e do Segundo Testamento, em especial, dos Evangelhos. Veiculam mensagens que deixam evidentes o conteúdo do anúncio da fé, a denúncia contra tudo que ameaça à dignidade humana, ou seja, que explicita a dimensão profética da experiência judaica cristã do Deus da vida. São músicas que o povo costuma chamar de “pé no chão”. Por causa da excelente qualidade, quando são tocadas, a assembleia reunida sabe cantar sem o auxílio das letras. São músicas que acompanham e acompanharam a caminhada do povo santo de Deus. Confira a entrevista dada para o Observatório da Evangelização da PUC-MINAS. Disponível em: <https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2017/10/17/projeto-musicas-da-caminhada-ja-deu-seus-primeiros-passos>. Acesso em: 15 mai. 2019.

<sup>4</sup> MARTINS, Zé. *Eu Quero Acreditar*. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Certezas*. São Paulo: Paulinas-COMEP, 1997, 1 CD, faixa 11.

Igreja que não tem e não faz memória da arte que anima a comunidade reunida, que não respeita as diversas manifestações artísticas em seu seio, está fadada a fechar-se e a morrer.

Para nós cantores/as é preciso cantar a Missa, cantar a Celebração da Palavra, cantar os momentos de vida das assembleias do Povo Santo de Deus. É preciso ser e estar a serviço do que se canta, pois se canta para o próprio Jesus de Nazaré que nos reúne em assembleia de irmãs e irmãos:

A música é um dos elementos que mais contribuem para que toda a assembleia participe de uma celebração. A música não é um enfeite, mas parte integrante da ação litúrgica. Por meio dela, a Palavra de Deus atinge mais profundamente nossa pessoa em sua totalidade e a nossa fé e comunhão se expressam com mais força<sup>5</sup>.

*Certezas* é um álbum que procura exaltar a liberdade, a terra, o amor, a esperança, a presença de Maria e do Divino Espírito Santo, uma força sempre nova que nos leva sempre à luta, tendo por fundo uma pergunta fundante: Quem sou eu? Responder tal pergunta nos levará a um segundo degrau: o de querer acreditar na vida, no rosto amigo, no peito aberto, no mundo que constrói a paz, no amor, na flor que é plantada, de cantar e sonhar juntos. Tudo isso é certeza de que há uma necessidade atual de sermos profetisas e profetas, afinal, Teologia é para conhecer Deus e não para defendê-lo. Neste diálogo entre Poesia e Teologia, Zé Martins nos apresenta um rosto de Deus que nunca está distante, que não é senhor da guerra, mas que é a brisa suave, que é misericórdia. É a certeza que temos!

## **2. Seguindo**

Antonio Manzatto argumenta que as culturas sempre tiveram profunda relação com a música, com a sonoridade. A música não é estranha a nenhuma cultura, por mais antiga e primitiva que seja, ou por mais adiantada e automatizada que seja. Por outro lado, a religião também sempre teve profunda relação com a música. Não foi difícil, por isso, pensar a música como forma de contemplação do sagrado ou como forma de relacionamento com ele. Ainda hoje o canto gregoriano, por exemplo, tem essa característica de fazer entrar em contato com o sagrado, no sentido de favorecer uma atitude de prece, de meditação, de contemplação, mesmo de mística, porque não dizê-

---

<sup>5</sup> OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. *Introdução*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2018, p. 18.

lo? A música clássica ainda possui, para muitos, a mesma capacidade de proporcionar contato com a transcendência, mística mesmo. A isso se junta o canto. As letras querem ajudar a compreender o mistério que se celebra ou ao qual se refere; elas como que catequizam, mas querem facilitar, também, o papel religioso da música. O que se canta favorece o contato com o sagrado ao mesmo tempo em que forma consciência, ou ajuda a formá-la. Assim os mantras, por exemplo, que repetidos constantemente querem favorecer a meditação ou a comunhão com o sagrado. Também as preces cantadas tem esse potencial teológico, de colocar em relação com o mistério ao mesmo tempo em que forma o pensamento de quem crê, seja por afirmação doutrinal, seja por ensinamento moral ou comportamental. Também a música clássica tem canto, muitas vezes, como acontece quando a música é parte de uma missa ou de outra forma de celebração. Assume importância, portanto, a questão da música religiosa em seu papel celebrativo-litúrgico, catequético-pastoral ou religioso-místico. É a música que quer ajudar a celebrar a religião, ajudar a conhecer e praticar aquilo que a ela se refere, ou ajudar a entrar em comunhão com o sagrado, com o mistério. Por isso a música religiosa tem melodias próprias e tem letras que se organizam a partir daquilo que afirmam ser verdade, a partir daquilo que as comunidades creem. Claro, existem músicas que escapam da prisão religiosa e são assumidas pela sociedade que nelas enxerga elementos de sua formação. É o que se tenta com a música gospel, por exemplo. Tal encantamento com o sagrado quer fazer com que a sociedade se reconheça naquela profissão de fé. Outras músicas, por outros caminhos, tentam o mesmo, como a Oração de São Francisco, por exemplo (MANZATTO, 2018).

No álbum *Seguindo* (1999), Zé Martins apresenta ao público 14 canções: xotes, baiões, baladas e reggae. Repete a fórmula do primeiro álbum, aposta nas mensagens diretas e simples. Os temas possuem a clareza que o importante não é a partida ou a chegada, mas o trajeto, o caminho. O seguimento a Jesus de Nazaré. Em todas as letras, fica evidente que o artista é um anunciador do Reino de Deus<sup>6</sup>, de sua utopia, de sua esperança, da felicidade:

*Olha o Reino de Deus chegando  
Ele já está aqui  
É o amor se concretizando  
Fazendo o povo feliz*

---

<sup>6</sup> MARTINS, Zé. Tempo de Deus. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Seguindo*. São Paulo: Paulinas-COMEP, 1999, 1 CD, faixa 01.

O reinado de Deus é sonho de fraternidade e amor  
É um tempo de luz e magia sem medo, sem luto e sem dor

O reinado de Deus é força de braços que se levantam  
Promessa de uma vitória aos que lutam  
E nunca se cansam

O reinado de Deus é labuta de um povo organizado  
Que não foge nunca da luta não se deixa ser explorado

O reinado de Deus é canto alegrando a vida da gente  
É como um acalanto, nos faz seguir em frente

Olha o povo sorrindo e cantando Javé tá presente aqui  
É gente com a gente lutando  
Mostrando o caminho a seguir

Todo povo cantando se anima em lutar para construir  
Paraíso de paz e ternura sem medo de ser feliz

*Tempo de Deus* apresenta a certeza do Reino de Deus aqui e agora, em nosso meio. O Reino acontece a partir da fraternidade e amor, da força dos braços que se levantam, do povo que se organiza contra a exploração do sistema. O Reino é o canto alegrando a vida da gente; por isso o povo sorri e canta na utopia de construir um paraíso de paz e ternura, sem medo de ser feliz. Observa-se o compromisso enquanto assessor, agente de pastoral leigo, catequista, teólogo e compositor em mostrar que o canto é uma escola de colegialidade, de comunhão, em que não se aprende somente a cantar mas crescer enquanto ser humano. Esta composição é uma grande força de evangelização.

O pensamento poético é apaixonado, pensa a partir daquilo que o afeta essencial e profundamente. O *logos* poético não é arredio à paixão tal qual a razão clássica aristotélica, mas exatamente, por meio do *pathos* é que o *logos* penetra na realidade humana, revelando algo de si mesmo através do espelho do outro, dando-lhe a percepção, seja do que é mais humano, seja do que lhe é sentido como desumano. Portanto, uma poética de sentido orienta o ser humano em seu devir à procura da excelência. É próprio do ser humano experimentar interpretando, e se pede da teologia uma razão hermenêutica que saiba apresentar um Deus que se move junto ao devir humano, a saber: que faça parte de sua busca de sentido (VILLAS BOAS, 2011, p. 208-210).

A música tem o grande poder de abrir possibilidades, a principal é a de se edificar espiritualmente, em seguida, a de se comprometer pastoralmente com a

realidade ao redor, na comunidade, na sociedade. A canção composta por Zé Martins apresenta palavras que rezamos; melhor, palavras pelas quais experimentamos Deus; enfim; música que vem do próprio Deus.

José Weber alerta que a inspiração musical é um dom de Deus e da natureza. O músico talentoso sobressai entre os outros. Quem não tem o dom da inspiração pode mostrar em suas obras qualidades técnicas aprendidas na escola ou nos livros ou como fruto de exercícios, mas o produto final é algo frio, sem vida, sem inspiração: é algo escolástico. Já o músico inspirado e talentoso, mesmo com os menores recursos técnicos, cria obras inspiradas e belas. Os grandes músicos, além da inspiração e do talento, também tinham o domínio da técnica, e por isso são clássicos. Uma pessoa que esbanja inspiração, mas não tem o domínio da técnica nunca fará obras de valor. Também o contrário é válido: uma pessoa que só conhece a técnica, mas não tem inspiração nem talento produz apenas obras medíocres e sem valor estável. O ideal é ter inspiração e o domínio da técnica musical. Ou, como diziam os antigos: “A boa música é 30% inspiração e 70% transpiração!”, isto é, esforço, concentração e dedicação. O compositor que terminou de escrever uma obra sabe se teve ou não inspiração naquela obra. Quando sabe que não teve inspiração ou que a obra não lhe agrada, é melhor rasgar a música e jogá-la no lixo. O dom da inspiração tem a ver com a criação de Deus: “E Deus viu que era bom o que fizera” (cf. Gn 1,10), ou “Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom” (cf. Gn 1,31). O compositor percebe quando faz uma obra boa ou muito boa. Porém o pecado original e o egoísmo enganam facilmente o compositor. Quanto ao valor de nossas obras, é bom e necessário que outras pessoas simples e entendidas considerem boas ou muito boas ou as considerem de pouco valor ou de nenhum valor. De obras medíocres o mundo está cheio. Não vamos aumentar o número dessas mediocridades (WEBER, 2016, p. 10-11).

Zé Martins buscava sempre em suas composições transmitir mensagens que fossem entendidas por pessoas de todas as idades. Era muito responsável ao evangelizar cantando. Sabia que a missão de todo cantador é fazer que a mente percebesse, o coração aquecesse, e o seguimento a Jesus de Nazaré se tornasse ainda mais prazeroso<sup>7</sup>:

Hoje eu vou caminhar, seguir Jesus pelo caminho  
Deixar pra trás a segurança e nessa andança  
Não chegar sozinho  
Sei que virá a cruz, mas sei ele estará comigo

---

<sup>7</sup> MARTINS, Zé. Seguindo. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Seguindo*. São Paulo: Paulinas-COMEF, 1999, 1 CD, faixa 10.

Vencendo a dificuldade e na tempestade  
Será sempre abrigo

*Jesus eu te respondo sim, veja eu estou aqui  
Tenho todos os defeitos  
Um andar sem jeito mas quero servir  
Toma o meu coração pequeno mas já quer crescer  
Coração de quem, deseja entrar  
Nessa peleja para te seguir*

Na estrada vejo tanta gente, esperando Jesus passar  
Só sei que eu vou tão contente, Jesus vai à frente  
Para nos guiar  
Você que está aí parado, levante, vem participar  
Seguir Jesus por essa estrada, nessa caminhada  
Para transformar  
A morte e tanta ferida em novos sinais de vida  
Então será ressurreição e todo mutirão  
Será pra festejar

*Seguindo* é uma canção vocacional. Ela convida a caminhar pela estrada com Jesus de Nazaré. O autor esclarece que será preciso passar pela cruz para chegar na glória de Deus. Muitas pessoas hoje em dia esquecem desse processo: sem cruz não há glória! É na caminhada que o ser humano se transforma, se tornando de fato o Povo Santo de Deus. A ressurreição será motivo para o mutirão da gente festejar.

A letra da canção não será, simplesmente, uma poesia musicada. Por isso, a rigor, seu estudo, sua análise e sua aproximação com a teologia deverá ter em vista o horizonte musical, até porque as palavras, muitas vezes, são escolhidas em função da melodia com a qual a letra formará um todo. Mas, de alguma forma, as letras das canções formam uma realidade em si, em certa autonomia. Contam uma história que, se não pode desligar-se de sua melodia, também não depende exclusivamente dela para ter sentido. Ao mesmo tempo em que letra e melodia formam um todo, elas também têm sentido se tomadas separadamente. Por isso melodias podem ser executadas sem suas letras, e estas, poderão ser tomadas independentemente de sua musicalidade. É neste sentido que canções são aproximadas da teologia a partir das chaves do diálogo desta com a literatura. Tomam-se as letras das canções como se fossem poesia e, pelo viés da literatura, se faz com que dialoguem com a teologia.<sup>1</sup> O procedimento parece válido, mesmo se manco. O diálogo da teologia com a sonoridade ainda resta todo a ser feito, e não será este o objetivo do presente texto, senão apenas lembrar qual o caminho resta a ser percorrido. Uma poesia não é simples divagação sem nexos. Contar uma história, fazer afirmações, dizer algo, não se resume a maneiras diferentes de narrar. Uma poesia

pode não ser uma narração, mas nem por isso deixa de contar uma história. Assim é com as canções. Cada canção, de alguma maneira, conta uma história, faz afirmações, traz à luz um significado. Apresenta uma experiência de vida, e por isso não se ouvem, simplesmente, as canções, mas se as vive. E quando elas são cantadas, trazem à memória e ao pensamento o que lembram e o que significam como experiência vivida por quem as canta (MANZATTO, 2015, p. 26-27).

*Seguindo* é um álbum que procura mostrar que no tempo de Deus vamos fazendo comunidade. Somente assim acontece reencontros onde o caminho é de luz onde reina a força do amor. Neste diálogo entre Poesia e Teologia, Zé Martins nos mostra que há sempre uma saída para inúmeros problemas, pois há esperança. No seguimento da mística e na espiritualidade de Jesus de Nazaré o sonho e a utopia irão se realizar. Faremos salmos de felicidade. Faremos salmos em que Jesus de Nazaré é inculturado com os rostos e corpos de nossa gente.

### **3. Pra festa jamais acabar**

No álbum *Pra Festa Jamais Acabar* (2002), Zé Martins apresenta ao público 12 canções: forrós, xotes, baiões, baladas e moda de viola. Ao contrário dos dois álbuns anteriores, Zé Martins apresenta um disco mais litúrgico: encontra-se músicas para romaria, partes fixas da Missa e outras que desde o lançamento do álbum são utilizadas nos Intereclesiais das CEBS, constando sempre dos livretos de canto<sup>8</sup>:

*Eu sou teu povo, sou  
Em romaria vou  
Cantar o amor  
Vencer toda dor  
Eu sei que vou*

Esta é a romaria da esperança  
Convidando todos que quiserem vir  
Pôr os pés nessa estrada sem bonança  
Caminhando e aprendendo a repartir

Nosso Deus nos convida a caminhar  
Deus dos pobres, Jesus, libertador  
Nessa marcha todo irmão tem seu lugar  
É o caminho da esperança e do amor

Meus irmãos e irmãs vamos cantar

---

<sup>8</sup> MARTINS, Zé. Romaria da Esperança. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Pra Festa Jamais Acabar*. São Paulo: Paulinas-COMEPE, 2002, 1 CD, faixa 01.

Canto novo de alegria e louvor  
Com Maria companheira no estradar  
A Javé que é liberdade e amor

Bendita e louvada seja a romaria  
Que caminha para a terra prometida  
Vence a morte, tantos males noite e dia  
E replanta nesse chão a nova vida

*Romaria da Esperança* é uma música que traduz com maestria a religiosidade popular do povo brasileiro. Em romaria o fiel realiza aquele desejo de estar próximo do Mistério, estar próximo do sagrado, onde poderá agradecer por uma bênção recebida, pedir uma bênção e um milagre em sua vida, relembrar dos/as mártires da caminhada latino-americana. A canção rememora que é preciso ter sempre esperança e coragem. Afinal, é o próprio Deus que nos convida a caminhar, é ele que nos afirma que vence toda a morte, tantos males; como um jardineiro replanta neste chão adubado com sangue mártir, a nova vida.

José Weber<sup>9</sup> diz que o processo de composição musical é basicamente igual ao processo de quem escreve artigo ou um livro. O escritor usa palavras, frases, períodos e capítulos dentro de uma língua e uma gramática para escrever um artigo ou um livro. O material que ele usa já lhe é familiar, já é seu patrimônio cultural adquirido. Porém, a novidade, a originalidade, a inspiração é que mostram o lampejo de sua mente na obra que ele produz. Vamos comparar os processos, do escritor e do compositor:

<b>O escritor</b>	<b>O compositor</b>
Usa uma gramática dentro de uma língua;	Usa um sistema tonal-modal ou atonal ligado a uma linguagem musical;
Para produzir um artigo ou um livro;	Para compor uma peça musical completa musicalmente: sonata, missa, canto...;
O livro é escrito em capítulos e o artigo, em partes;	A sonata é escrita em movimentos e a missa, em partes, como entrada, <i>kyrie</i> , comunhão;
Escreve períodos e frases que formam capítulos;	Compõe períodos e frases musicais que formam os movimentos de uma sonata ou uma parte de missa;
Frases que formam períodos e capítulos;	Frases e meias frases musicais que formam períodos;
Usa palavras com adjetivos e advérbios;	Usa motivos e incisos musicais;
Usa a pontuação gramatical da língua: vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto final para	Usa as cadências musicais que correspondem à pontuação gramatical da língua: semicadência,

<sup>9</sup> WEBER, José. *Canto Litúrgico: forma musical, análise e composição*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 12-14.

dividir as partes do discurso, dos períodos e das frases, para que tenham mais clareza e lógica.	cadência perfeita, imperfeita, cadência de engano, cadência interrompida <sup>10</sup> .
--	--

<b>Linguagem falada ou escrita</b>	<b>Linguagem musical</b>
Palavra;	Som musical;
Substantivo com adjetivo;	Motivo: cimento que une diversos sons de um modo agradável e com sentido estético numa melodia;
Nome com adjetivos, advérbios, circunstâncias;	Inciso: um pensamento musical já bem definido e individualizado;
Semifrase com sujeito, predicado e circunstâncias;	Semifrase: um discurso musical com sentido bem determinado musicalmente;
Frase com sujeito, predicado e complementos;	Frase musical: um discurso musical completo e satisfatório;
Período gramatical: um discurso escrito ou falado com frases principais e subordinadas;	Período musical: um discurso musical mais completo, com frases principais e derivadas das anteriores;
Capítulo de um livro.	Andamento (parte) de uma sonata ou um canto completo com ou sem refrão e estrofes.

Zé Martins realizou muito bem tanto um como outro ofício. Esta simbiose foi necessária para seu trabalho pastoral, para seu trabalho de filósofo e de teólogo da libertação. A Teologia da Libertação está presente em todas as canções, mesmo que sutilmente. Mostra o que há de melhor nesta Teologia originalmente Latino-Americana e Caribenha. Ele mesmo vai dizer na apresentação do livreto que traz as letras:

A presença de Deus em nosso meio é motivo de festa. Presença concretizada nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia. Presença viva na comunidade reunida e que luta pra que a festa da vida jamais se acabe. E por que não celebrar constantemente essa presença? Em romarias onde cantamos o amor e vencemos a dor; na volta pra casa do Pai, no louvor à Trindade; salmodiando, dizendo “pra sempre é o seu amor”; na escuta serena da Palavra que é força no caminhar; na afirmação “Deus é vida e fonte de todo amor”; na comunidade, lugar do encontro e da partilha; no canto que diz: “Ele é bendito e está entre nós”; na busca constante do “seja feita a vossa vontade”; no aclamar que bendiz o nosso Deus, pão partido e repartido; e, enfim, no desejo de entregar-se a tal ponto pra ser semente lançada ao chão, pão para alimentar ou água mudada em vinho bom pra garantir que a festa não tenha fim.

É tempo de celebrar a presença viva de Deus em nosso meio. Presença que nos faz sonhar e buscar novamente nossas utopias. Sonhemos juntos pra festa jamais acabar.

A todos que lutam pra que a festa da vida jamais se acabe (MARTINS, 2002).

<sup>10</sup> *Idem*. Cadência é o movimento de resolução dos acordes sobre um ponto de repouso; terminação ou conclusão de uma frase ou período ou a inteira composição do discurso musical.

Zé Martins comprova que a Teologia da Libertação tem mística e espiritualidade, e que sua fonte é Jesus de Nazaré<sup>11</sup>:

*Ouve, meu povo, o Senhor quer te falar  
Fala, Senhor, teu povo quer te escutar*

Tua Palavra é força em nosso caminhar  
É luz guiando para nos fazer chegar  
É boa nova que nos faz acreditar  
Na vida plena que vai se concretizar

Tua Palavra é que faz brotar a vida  
Não volta a ti se não tiver fecundado  
Coração duro como terra ressequida  
Será de novo como chão fertilizado

Tua Palavra é nosso alimento  
É água pura saciando a nossa sede  
E mesmo assim não exige pagamento  
É dom gratuito que se dá e não se vende

O que define a TdL é a radical e evangélica Opção pelos Pobres. A TdL está ligada à existência do povo, sua fé e sua luta. O povo de Deus é o verdadeiro autor da TdL. A TdL acredita e afirma o lugar central de Jesus de Nazaré e não substitui Jesus de Nazaré pelos pobres, mesmo este sendo pobre. Ela destaca o lugar que ocupam os pobres na revelação cristã, mas não os coloca no lugar de Cristo. Ela entende que os pobres não são dispensáveis. Não se pode ser cristão sem acolher a mensagem que vem dos pobres, que é a mesma proclamada pelo Segundo Testamento. Ela ensina que quem pode dizer “Cristo é Senhor” com sinceridade, como expressão de toda a sua vida, são os pobres. Daí o lugar central dos pobres, que não afeta em nada o lugar central de Jesus de Nazaré, pelo contrário, o confirma. Por detrás da TdL, existe a opção profética e solidária com a manutenção e a defesa da vida (SOUZA. SBARDELOTTI, 2019, p. 264).

Devemos escutar a melodia do presente; que devemos abrir o ouvido dos nossos corações. A escuta talvez seja o sentido de verificação mais adequado para acolher a complexidade do que uma vida é. Antes de tudo, é atitude, é inclinar-se para o outro, é disponibilidade para acolher o dito e o não dito, o entusiasmo da história ou o seu avesso, a sua dor. [...] A música nos coloca perante esta coisa paradoxal: o músico é uma espécie de asceta. A sua arte pede-lhe o máximo de concentração, exige-lhe

---

<sup>11</sup> MARTINS, Zé. Ouve, Meu Povo. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Pra Festa Jamais Acabar*. São Paulo: Paulinas-COMEP, 2002, 1 CD, faixa 05.

fidelidade escrupulosa a uma pauta, horas e horas de afinco em reclusa solidão. Mas todo esse rigor é para ser transformado em leveza, em puro jogo, em aberto desprendimento. A música conta que o indizível se irradie no dizível, que o infinito atravesse o finito, que o inaudível seja a expressão suprema de todo o audível. Não é a isso que a escuta de fé aspira? (MENDONÇA, 2016, p. 107. 121).

*Pra Festa Jamais Acabar* é um álbum que nos convida a participarmos da romaria da esperança, e não abrir mão de nossos sonhos e utopias; pois o Deus da Vida é um Pai apaixonado por sua criação, para ele cantamos e entoamos o glória. Neste diálogo entre Poesia e Teologia, Zé Martins lembra-nos que estamos de mãos abertas para partilhar, principalmente, em comunidade, para rezarmos o Pai Nosso com imensa alegria entendendo e interpretando cada palavra e colocando-as no dia a dia de nossa gente; e de compasso em compasso, Maria, Mãe desse povo em libertação, nos aponta para o Filho que nos acolhe e vê o mais profundo de nossos corações. Assim podemos cantar e seguir em missão<sup>12</sup>:

Me olhaste com olhos de alguém  
Que vê o mais fundo do coração  
Disseste preciso de ti  
Pra pescar outras vidas  
Guiar teus irmãos  
Com medo aceitei teu convite  
Sinal do teu amor  
Não posso viver outra vida  
Pois só consigo servir-te, Senhor

*Sou semente lançada ao chão  
Pão para alimentar  
Água mudada em vinho bom  
Pra festa jamais acabar*

Desejos de estar contigo  
Sempre mais fortes que o não  
Não posso parar, olhar pra trás  
Caminho em tua direção  
Força que chama, arrasta e conduz  
Vida, um desejo sem fim  
Caminho, chamado  
Uma entrega, uma luz  
Jesus que vive em mim

---

<sup>12</sup> MARTINS, Zé. *Pra Festa Jamais Acabar*. Intérprete: Zé Martins. In: Zé Martins. *Pra Festa Jamais Acabar*. São Paulo: Paulinas-COMEF, 2002, 1 CD, faixa 12.

## **Considerações finais**

Zé Martins através de suas composições soube expressar com eficácia a relação dos seres humanos com Deus: o mistério que nos eleva, que nos envolve e nos posiciona frente à frente com o Transcendente. Tira-nos de nosso conforto, fazendo-nos questionar e não esquecer o porque de não atendermos o que o salmista<sup>13</sup> pede:

Até quando julgareis injustamente  
favorecendo os culpados?  
Sede juízes para o fraco e o órfão,  
fazei justiça ao infeliz e ao indigente;  
libertai o fraco e o pobre,  
livrai-os da mão dos culpados.

Nas CEBS, muitas vezes, encontramos com as músicas de Zé Martins; elas fazem parte do processo de educação da fé, da mística e da espiritualidade, enfim, de toda a caminhada. Elas estão nos livros de cantos dos Intereclesiais das CEBS, mas isso é pouco. Com o advento da internet, não aprendemos ainda a colocar essa ferramenta a favor das CEBS. Preocupa-nos o fato, de muitas canções, não só as do Zé Martins, mas de outros artistas, estarem desaparecendo das reuniões, dos encontros, das assembleias, dos retiros, das rádios e TVs católicas, sabemos que a variedade de coisas diferentes dentro da Igreja é que a faz mais forte, quando não existe isso, se perde em qualidade e espontaneidade. Não há espaço para as músicas da caminhada na Igreja Católica Apostólica Romana?

Há ainda uma questão para sempre ser revista, ela cabe tanto no início ou no final deste texto, pois me inquieta:

Como o texto musical pode ser tratado como uma unidade literária? Essa questão é crucial, pois uma canção é diferente de um poema, uma vez que é um texto integrado a uma composição musical, o que implica que os julgamentos básicos devem ser calçados na audição para incluir a dimensão sonora no âmbito de sua análise (CALVANI, 1998, p. 18).

Terminamos este artigo recordando de uma das primeiras canções compostas por Zé Martins: *Me Fala de Você*<sup>14</sup>, uma parceria com Zé Vicente, outro cantador da caminhada das CEBS. Esta canção não foi gravada pelo Zé Martins nos três álbuns aqui

---

<sup>13</sup> TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 1995, Sl 82, 2-4.

<sup>14</sup> VICENTE, Zé. *Me Fala de Você*. Intérprete: Zé Vicente. In: Zé Vicente. *Caminhos da América*. São Paulo: Verbo Filmes, 1987, 1 CD, faixa 09.

citados, mas era entoada em suas apresentações; apareceu no álbum *Caminhos da América*, da Verbo Filmes. Álbum que apresentou Zé Vicente ao público brasileiro; inteiramente gravado por vários/as intérpretes. Tal composição retrata o encontro de dois amigos, de duas amigas, de pessoas que se amam e apesar da distância se querem muito bem. Hoje, escutando esta canção, vejo meu coração se encher de alegria: de ter tido a oportunidade de conviver e aprender com a simplicidade de Zé Martins um pouco da espiritualidade do Reino de Deus; é saudade que jorra dos meus olhos, dez anos depois de sua Páscoa:

Vem, me fala tu de liberdade  
Dessa igualdade que todos queremos  
Desta vida nova que todos buscamos  
Desta paz que um dia encontraremos.

Vem me fala tu de tua vida  
Dessa amizade mais querida  
Dessa ansiedade de amar de novo  
Desta tua vida doada ao povo

Vem me fala tu de esperança  
Desse novo ser criança  
Dessa paz sem ser bonança  
Dessa luta pra vencer  
Vem me fala de você

## Referências

- CALVANI, C. E. B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Edições Loyola; UMESP, 1998
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 5.ed. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.
- MANZATTO, A. *A Mística dos Pobres em Canções das CEBS*. Conferência no VIII Congresso da ALALITE. Rio de Janeiro: 2018.
- \_\_\_\_\_. *A Mística na Música*. Conferência no VIII Congresso da ALALITE. Rio de Janeiro: 2018.
- \_\_\_\_\_. Certas Canções: teologia e literatura na música brasileira. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 24-37, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/ojs/index.php/teo/article/view/19098/13638>. Acesso em: 27 mar 2019.
- MARTINS, Z. *Certezas*. São Paulo: Paulinas-COMEPE, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pra festa jamais acabar*. São Paulo: Paulinas-COMEPE, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Seguindo*. São Paulo: Paulinas-COMEPE, 1999.
- MENDONÇA, J. T. *A Mística do Instante – o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. *Introdução*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2018.
- SBARDELOTTI, E. *Espiritualidade da Libertação Juvenil*. São Leopoldo: CEBI, 2015.
- SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe – Opção pelos pobres, libertação e resistência*. Petrópolis: Vozes, 2019.

- TAVARES, E. S. *O Mistério e o Sopro* – roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens. Brasília: CPP, 2005.
- TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 1995.
- VICENTE, Z. Me Fala de Você. Intérprete: Zé Vicente. In: Zé Vicente. *Caminhos da América*. São Paulo: Verbo Filmes, 1987.
- VILLAS BOAS, A. *Teologia e Poesia* – A busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Create Editora, 2011.
- WEBER, S. *Canto Litúrgico: forma musical, análise e composição*. São Paulo: Paulus, 2016.

*Recebido em: 15/05/2019*

*Aprovado em: 17/03/2020*